

Novos cercamentos, saúde e “lugares outros”

New enclosures, health, and "other places"

Rosely Anacleto¹

Universidade Federal de Sergipe

Aracaju, SE, Brasil

ranacleto.1@hotmail.com.

<https://orcid.org/0000-0002-0956-3198>

Recebido em: 30 de dezembro de 2023

Aceito em: 30 de janeiro de 2024

¹ Doutoranda em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Mestre e graduada em Serviço Social. Especialista em Saúde Coletiva. Assistente social do SUS, nos níveis de complexidade da Urgência e Emergência e da Atenção Básica em Aracaju.

Resumo

Reflito neste artigo a justaposição de lugares aparentemente incompatíveis que constituem o território vinculado a uma Unidade Básica de Saúde em Aracaju, onde minha pesquisa se desenvolve. Nomeio este adensamento geográfico de "território de branquitude" dada a interseção privilegiada de raça e classe, constante em dados censitários. Em parte do território, proliferam "novos cercamentos" com fortificações modernas, segregadas, vigiadas e de alto padrão comercial, habitados por corpos padrão. Nos arrabaldes coexistem "lugares estranhos", *heteretopias* onde são alojados corpos e moradias desviantes que subvertem a passagem do tempo, proclamam o direito à diferença e desafiam o capital especulativo. Através deles, a despeito das inúmeras exigências para acessá-los e permanecer, os corpos desviantes asseguram suas existências e vislumbram um devir. São essas contrações urbanas que pretendo explorar. A pesquisa combina dados de fontes secundárias, observação participante, diário de campo, recursos imagéticos e literatura especializada.

Palavras-chaves: Novos Cercamentos. Território de Branquitude. Saúde Coletiva. Lugares Outros. Heterotopias.

Abstract

In this article, I reflect on the juxtaposition of apparently incompatible places that constitute the territory linked to a Basic Health Unit in Aracaju, where my research is developed. I name this geographic density "territory of whiteness" given the privileged intersection of race and class, constant in census data. In part of the territory, "new enclosures" proliferate with modern, segregated, guarded, and high-standard commercial fortifications, inhabited by standard bodies. In the outskirts, "strange places" coexist, heterotopias where bodies and deviant dwellings are housed that subvert the passage of time, proclaim the right to difference and challenge speculative capital. Through them, despite the countless demands to access and remain in them, deviant bodies ensure their existence and envision a future. It is these urban contractions that I intend to explore. The research combines data from secondary sources, participant observation, field diary, imagery resources, and specialized literature.

Keywords: New Enclosures. Territory of Whiteness. Public Health. Other Places. Heterotopias.

Introdução

Este estudo responde parcialmente a uma investigação em curso, em nível de doutoramento da Linha de Pesquisa Processo de Subjetivação Política vinculada ao Programa de Psicologia da Universidade Federal de Sergipe-UFS. A centralidade do trabalho recai sobre a universalidade de acesso ao SUS e o sujeito universal branco.

Branco não é uma cor. Branco é uma definição política que representa históricos privilégios sociais e políticos de certo grupo que tem acessos às estruturas dominantes e instituições da sociedade. Branquitude representa a realidade e história de certo grupo. Quando nós falamos sobre o que significa ser branco, então falamos sobre políticas e absolutamente não sobre biologia (Quiangala *et. al*, 2015: s/p).

O Sistema Único de Saúde (SUS) é o maior sistema público do mundo, data de 1990 e é considerado a política pública mais inclusiva. Em que pesem seus incontestes avanços, não são poucas as contradições que o Sistema enfrenta. Em 2011, uma pesquisa do IPEA sobre o perfil dos transplantados e das desigualdades no acesso aos transplantes de órgãos no Sistema Nacional de Transplantes (SNT) do SUS, constatou que, embora a maioria da população brasileira seja feminina e negra, os maiores beneficiados com transplantes eram exatamente o oposto: homens e brancos. A desagregação dos dados por gênero nem sempre apresentou disparidades, mas por raça, revelou discrepâncias perturbadoras em favor de receptores brancos, conforme o órgão transplantado: 56% do coração, 69% de rim, 77% de pulmão, 81% do fígado, 85% de pâncreas e rim simultaneamente, e 93% de pâncreas. Os pesquisadores concluíram que o SUS é “simultaneamente, causa e efeito de nossas desigualdades socioeconômicas e sanitárias” (Marinho; Cardoso; Almeida, 2011).

A investigação está sendo realizada em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) de Aracaju, onde laboro como assistente social. A territorialização e a adstrição do público residente, de acordo com o Ministério da Saúde, são diretrizes orientadoras para “o planejamento, a programação descentralizada e o desenvolvimento de ações setoriais e intersetoriais com foco em *um território específico*, com impacto na situação, nos condicionantes e determinantes da saúde das pessoas e coletividades que constituem aquele espaço” (Brasil, 2017: s/p – grifos meus). Nestes termos, o conhecimento profundo do território é condição *sine qua non* para otimização do cuidado em saúde da população usuária.

Refletir sobre a justaposição dos lugares aparentemente incompatíveis coexistentes no que nomeio de “território de branquitude” é o meu objetivo. O trabalho contém a seguinte estrutura: apresentação dos procedimentos metodológicos e discussão sobre “a época do espaço” (Foucault, 2013a: 113), contemplando no primeiro momento a proliferação dos “novos cercamentos”² expressos em *condohoteis*³ onde a branquitude bem aquinhoadada reside, e na sequência as *heterotopias*⁴ habitadas por corpos desviantes da média padrão, no interior do mesmo perímetro urbano.

Procedimentos metodológicos:

Inicialmente cotejei os dados disponíveis no Sistema de Recuperação Automática (SIDRA) do IBGE e no Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde (CNES) do Ministério da Saúde. Paralelamente, realizei observação participante no território, especialmente nos atendimentos domiciliares aos usuários acamados ou com mobilidade reduzida (residentes nos *condohotéis* ou nos *contraespaços*) e fiz também registros em diário de campo, acrescidos de recursos imagéticos e pesquisa bibliográfica. O recorte temporal situa-se entre 2017 e 2020, fase de substituição gradual dos prontuários físicos para os digitais, concluída em 2018.

No SIDRA realizei um levantamento dos microdados de raça e classe de todos os bairros de Aracaju constantes no censo 2010. Na sequência, construí um mapa representando a distribuição socioespacial da branquitude, adotando o seguinte critério: bairros com prevalência superior a 50% de pessoas brancas foram pintados com a cor branca; bairros com concentração entre 50% e 35% foram pintados de marrom e correspondem a uma tendência de “pardização” (miscigenação) e bairros com percentual abaixo de 35% destaquei com um tom de café, simbolizando as regiões mais enegrecidas e

² A expressão “novos cercamentos” remonta aos cercamentos originários descrito por Karl Marx na transição do feudalismo para o capitalismo. Relata o autor que as terras comunais dos camponeses ingleses foram seguidamente usurpadas, *cercadas*, privadamente apropriadas e transformadas em pasto para as ovelhas que iriam abastecer as indústrias tecelãs. Despojados dos meios de produção, expulsos das terras originárias e impedidos de proverem sua subsistência, foram compelidos a vender sua força de trabalho (tornada “livre”) nas fábricas. Leis sanguinárias surgiram para defender a propriedade privada da burguesia nascente e coibir sublevações (Marx, 2014).

³ Amálgama de condomínio e hotéis.

⁴ O conceito de heterotopia será melhor destrinchado adiante, mas também utilizarei vocábulos sinônimos, empregados pelo próprio Foucault: “lugares outros”, “lugares estranhos”, “contraespaços”, contra-aloções, etc.

não surpreendentemente, mais periféricas. A plataforma SIDRA distribui os rendimentos individuais declarados pelos moradores em doze estratos diferentes, mas dada a baixa representatividade de estratos econômicos inferiores no território de branquitude, foram consideradas apenas as três últimas faixas de rendimentos cuja renda individual superava 15 Salários Mínimos. Na sequência, foram agrupados por raça-cor.

No CNES, realizei um levantamento sobre a geolocalização dos estabelecimentos de saúde, independentemente de serem públicos ou privados. A pesquisa não requer a anuência do Sistema CEP/CONEP/SECNS/MS, conforme Lei nº 12.527 de 18/11/ 2011.

“Novos cercamento”: as fortificações contemporâneas

“O sistema colonial fez amadurecer [...] o comércio e a navegação. [...]. O tesouro apossado fora da Europa diretamente por pilhagem, escravização e assassinato refluía à metrópole e transformava-se em capital” (Marx, 2014: 372). Esse empreendimento capitalista e colonial teve seu marco na invasão bárbara da América em 1492. Enquanto o trabalho coercivo e barato era executado nas periferias, o “trabalho assalariado livre”, acontecia no centro, através de relações raciais hierárquicas entre europeus e não europeus (Grosfoguel, 2012).

Cedric Robinson (2023) diverge de Grosfoguel e postula que existia um “capitalismo racial” dentro da própria Europa, pois para ele, o capitalismo se sustentou não pela homogeneização, mas pela diferença e diferenciação, haja vista que os ingleses eram extremamente xenofóbicos e hostis aos imigrantes racializados (irlandeses, judeus, ciganos, eslavos etc.), vítimas dos cerceamentos da acumulação originária de capital descrita, do colonialismo e da escravidão.

A história brasileira, por sua vez, é saturada por outras particularidades. Segundo Cardoso (2014: 25), a brancura da epiderme do português, ainda que contestada na Europa, contrastou com ameríndios e africanos, permitindo-lhe colonizá-los e escravizá-los por quase quatro séculos. A branquitude, portanto, abarcou uma herança imaterial (os traços fenotípicos hipoteticamente ligado a alguma ascendência europeia) e material (resultante da acumulação de capital que foi se perpetuando e circulando em brancas mãos, se constituindo no que Marx designou como classe dominante).

Na transição do sistema escravista para a expansão do sistema capitalista brasileiro, foi adotada uma política de branqueamento como solução para o “atraso negro”, isto é, a

presença incômoda do contingente populacional que em tese, não reunia os requisitos necessários que justificasse seu assalariamento. Automaticamente, o negro passou da condição de “bom escravo a mau cidadão” (Moura, 2019). Essa força de trabalho, “ao passar da servidão ao assalariamento, vai ao ‘inferno colorido’ (MARX, 2013)” (Veliz; Magalhães, 2022: 111).

As vagas formais desse mercado de trabalho embrionário foram reservadas para ocupação dos imigrantes, notadamente italianos e alemães. Em que pesem as condições de trabalho degradantes, esses foram a bem da verdade, os primeiros cotistas brasileiros:

Nos ambientes sociais, invariavelmente, escuto descendentes de imigrantes condenarem a política de cotas. São ignorantes ou hipócritas. A parte rica do Rio Grande do Sul e outras regiões do Brasil é o presente de cotistas do passado. As políticas de colonização do país foram as aplicações concretas de políticas de cotas. Aos servos, camponeses, mercenários, bandidos, ladrões, prostitutas da Europa foi acenado com a utopia cotista. Ofereceram-lhes em primeiro lugar um lugar para ser seu, um espaço para produzir, representado pelo lote de terra; uma colônia para que pudesse semear o seu sonho. E lhes alcançaram juntas de bois, arados, implementos agrícolas, sementes, e o direito de usar a natureza – a floresta, os rios e minerais – para se capitalizarem. No processo, milhares não conseguiram pagar a dívida colonial e foram anistiados. E quando ressarciram foi em condições módicas. Sendo cotistas do Brasil puderam superar a maldição de miseráveis, pobres, servos, e de execrados socialmente. [...] (Golin, 2014: s/p).

Assim, em linhas bastante gerais, foi se forjando no Brasil uma elite e não raro, um estrato intermediário urbano (a opaca classe média), com cor bastante definida: a cor branca. No entanto, essa realidade não foi uniforme entre as regiões do país. No Nordeste, por exemplo, surgiram classes sociais *sui generis*, em razão da industrialização tardia, lenta e de baixa densidade. Os latifúndios e engenhos foram se modernizando e mantendo um legado cultural senhorial-escravista e patrimonialista (Santos *et. al*, 2012), que exponenciou ainda mais o fosso racial. Assim, a herança da branquitude foi circulando privadamente entre seus iguais, transformando o racismo num mecanismo de sustentação de privilégios de berço transfigurados em mérito ou conquistas individuais.

Em 2010, a densidade demográfica de Aracaju era de 571.149 habitantes, dos quais apenas 22% se autodescreviam brancos. A distribuição espacial da população aracajuana, conforme critério racial informado nos procedimentos metodológicos, permitiu construir um mapa e identificar onde a branquitude efetivamente se concentra, confirmando minha hipótese inicial que estava nos bairros vinculados à UBS.

O que nomeiei de território de branquitude, é composto basicamente por quatro bairros, onde a presença maciça de brancos contrasta com os demais bairros: Jardins (61%), Treze de julho (60%), São José (58%) e Grageru (50,5%). Destes, o São José fica na área de fronteira e não pertence à UBS *lôcus* de investigação. Por outro lado, o bairro Salgado Filho (47,5%), que é discretamente o menos embranquecido (destacado com contorno verde), totaliza junto aos outros três, a área de abrangência da UBS Dona Sinhazinha, cujo nome no mínimo curioso, também deita raízes senhoriais típicas do colonialismo/escravismo (Anacleto, 2023).

Figura 1: Mapa de Aracaju com % de pessoas brancas por bairros



Fonte: a autora, com base no Sidra-IBGE/ censo 2010.

Fundada em 1855, às vésperas da abolição, apenas escravocratas brancos podiam habitar a primeira capital projetada do Brasil, desenhada em linhas quadráticas e simétricas como um tabuleiro de xadrez, conhecido como “o quadrado de Pirro” (destacada com

contorno amarelo no mapa acima), em alusão ao engenheiro português responsável pela obra (ver a foto abaixo).

Atualmente essa área corresponde ao centro da cidade, pois a branquitude, não mais podendo manter a exclusividade de antanho, foi se expandindo em círculos concêntricos, se espalhando nos bairros adjacentes, sem, contudo, perder uma característica que lhe é bastante peculiar: o enodamento, o vínculo entre os iguais, a não mistura. Em uma palavra: segregação. Os herdeiros coloniais permanecem situados até hoje bem ao lado de onde nasceram, e essa expansão lembra uma massa tumoral densa que evoluiu, sem se alastrar para outros órgãos, como uma metástase.

Figura 2: Mercados central de Aracaju, no centro da cidade.



Fonte: F5 News (fotógrafo Sérgio Andrade, 2006).

Essa foto ilustra uma minúscula parte do Centro de Aracaju, onde desde 1926 funcionam três mercados públicos, com uma torre no centro de nítida inspiração fálica e um relógio no cume, ainda em pleno funcionamento. É impossível não aludir ao panoptismo

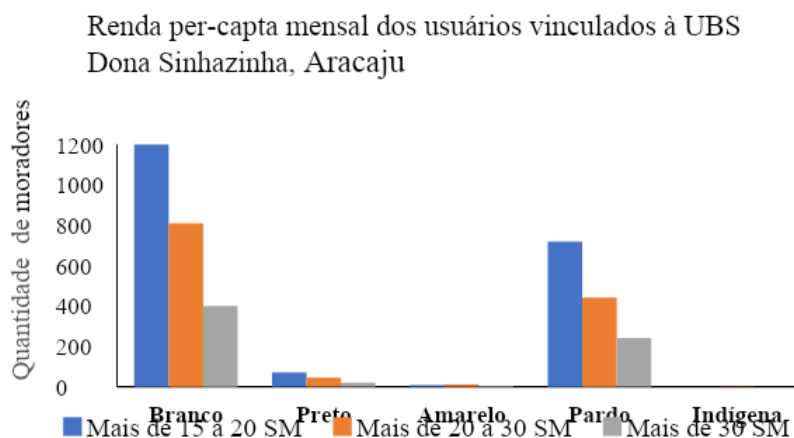
descrito por Foucault (1987), ao se constatar que à época, a elite branca (proprietária dos boxes dispostos no térreo e no primeiro pavimento) e frequentadora praticamente exclusiva do “mercado sangue suga” dados os elevados preços (Filgueiras, 2019), maximizava seu poder, regulando o acesso e evitando a *incômoda presença do diferente*.

Volto ao mapa. O mesmo evidencia que ex-cativos palmilharam sua existência se fixando às margens da cidade, bem distante da branquitude, já que seu acesso ao “quadrado de Pirro” estava travado. Na faixa interior observa-se uma clivagem com prevalência de pardos, cujos bairros correspondem às camadas assalariadas intermediárias.

Na paisagem urbana, o coágulo branco se destaca diante de uma capital visivelmente negra, permanecendo contígua ao Centro e ao litoral de onde emergiu, e ao município vizinho, Barra dos Coqueiros, para onde tem batido em revoada mais recentemente, depois da construção do complexo Alphaville e outros assemelhados. Este deslocamento é motivado pelo desejo de mais exclusivismo, separação, ostentação e apropriação simbólica-cultural de “um paraíso natural” embalado pelo desejo de amanhecer com “pés na areia” (da praia), impulsionado por peças publicitárias protagonizadas por pessoas brancas.

O estrato econômico individual superior a 15 Salários Mínimos agrupado por raça-cor, gerou o seguinte gráfico:

Figura 3: Renda per-capta mensal



Fonte: Sidra/IBGE Censo 2010. Salário mínimo vigente de R\$510,00

Nas três faixas de rendimentos, o grupo de pessoas brancas se destaca, perfazendo 61,5% (2496) do universo, contra 48,5% (1560) da soma dos demais grupos. O Censo de 2010 detectou que uma das maiores discrepâncias da capital era a profunda desigualdade de renda, haja vista que 35,8% da população sobrevivia com $\frac{1}{2}$ SM, habitando a zona extraordinariamente infértil e árida do não ser (Fanon, 2008: 26), para onde refugiar-se os ex-escravizados, como demonstrado acima.

Situação bastante diversa viviam os privilegiados do topo da pirâmide, que embolsavam mais de 60 vezes o valor informado pelos que foram distribuídos na base, ratificando a imbricação medular entre raça e classe e reafirmando a atualização da lei geral de acumulação capitalista. Com isto uma “ínfima parte da sociedade ostenta riqueza e propriedades, [e] a maioria mal sobrevive em desumanas circunstâncias, isto é, sem acesso à terra, trabalho, moradia adequada, saneamento básico etc., principalmente a população preta e indígena que vive na cidade [...]” (Santos, Silva, Silva, 2022: 162).

Confluindo raça e classe, o bairro Jardins desponta isoladamente quando comparado aos demais. Consoante Machado (2010), o Jardins data de 1998, foi planejado por grupos de especulação imobiliária visando à *diferenciação* dos bairros adjacentes, se consolidando numa ilha nababesca, com um dos metros quadrados mais caros da capital. Abriga no seu interior três micros bairros destinados a estratos econômicos ainda mais privilegiados: Tramandaí, Garcia e o Jardim Europa, este último com imóveis inspirados nas arquiteturas francesa e inglesa.

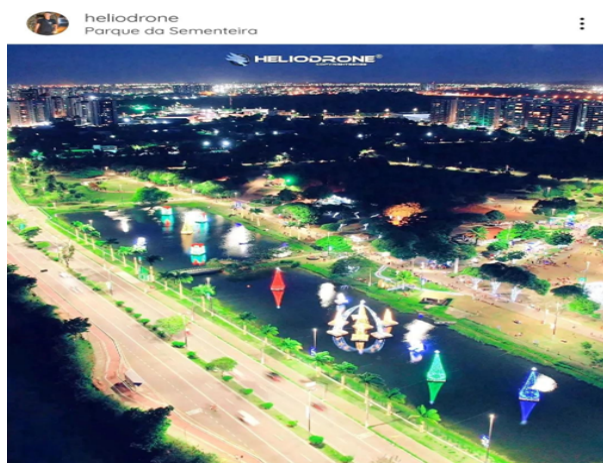
A cobiça pelo “figurino europeu” é um sintoma do racismo no Brasil, segundo a psicanalista e antropóloga Lélia Gonzalez (1984). Ancorada no pensamento de Frantz Fanon, Lélia adverte que esse é um sintoma da neurose cultural brasileira e se materializa na tentativa ensandecida do dominado em se identificar com seu dominador, num jogo que oculta, mas revela. No bairro, além do Shopping de nome homônimo, existe um extenso parque ecológico, com recursos paisagísticos modernos, iluminação privilegiada sobretudo durante os festejos junino e natalino, e áreas de lazer e esportes diversificadas. Conta ainda com esgoto coletado e saneado, e serviços de caráter diversos, todos muito elitizados. Escolas privadas com mensalidades onerosas se cacifam ao publicizar seu desempenho nos cursos mais disputados no Enem, com ênfase para a medicina.

Figura 4: Centro Médico Jardim Europa



Fonte: Imobiliária Cohab Prêmio

Figura 5: Parque da Sementeira



Fonte: Instagram

O cotejamento dos estabelecimentos públicos e privados da saúde, cadastrados no CNES apontou um total de 2811 estabelecimentos, contemplando consultórios particulares das variadas profissões da saúde, clínicas especializadas, hospitais, policlínicas, apoio diagnóstico e terapêutico, *home care*, farmácias, drogarias, laboratórios e centros de

abastecimentos. Desse total, apenas 5,7% (166) são conveniados e/ou pertencem ao SUS, dos quais 20 estão situados no território de branquitude e 146 espalhados nos bairros marginais e enegrecidos.

No tocante à geolocalização, os 2811 estão assim distribuídos: os quatro bairros vinculados à UBS reúnem 804 estabelecimentos de saúde, equivalendo a 28,5%, o bairro São José isoladamente, concentra 1141 estabelecimentos, corresponde a 40,5%. Já nos bairros pouco atrativos ao capital e de vidas desimportantes, existem 866 serviços, representando 31%. Somando-se o território de branquitude com o bairro Salgado Filho (o de menor discrepância racial, porém vinculado à UBS), verifica-se a concentração de 69% dos estabelecimentos de saúde, revelando literalmente que “#vidasbrancasimportam!”, e muito.

Outras reflexões são possíveis, intersectando classe, raça, território e saúde: a comodidade e pouco dispêndio financeiro para acesso direto aos serviços de saúde localizados praticamente dentro dos condomínios-clubes ou nos quintais das mansões, dada a exígua dimensão da cidade; a economia de tempo nesses deslocamentos que podem ser decisivas na qualidade da assistência à saúde, sobretudo em circunstâncias emergenciais; a existência de um tempo sobrando (que em geral falta à classe que foi condenada inicialmente ao trabalho forçado e depois ao trabalho precarizado), e que pode ser revertido na contemplação de bens culturais (que tradicionalmente cultivam o direito à memória de pessoas brancas); acesso a lazer ou práticas de esporte no Parque da Sementeira ou ainda no conforto das luxuosas academias, onde corpos brancos ostentam saúde e boa forma física, com os condicionantes sociais do binômio saúde-doença já previamente garantidos.

Tudo isso sem falar no intercâmbio direto entre médicos (e outras profissões de saúde), gerando agilidade em diagnósticos, exames, tratamentos, medicamentos, insumos, atestados, além da perpetuação do exercício da própria medicina por gerações a fio, pelas mesmas famílias.

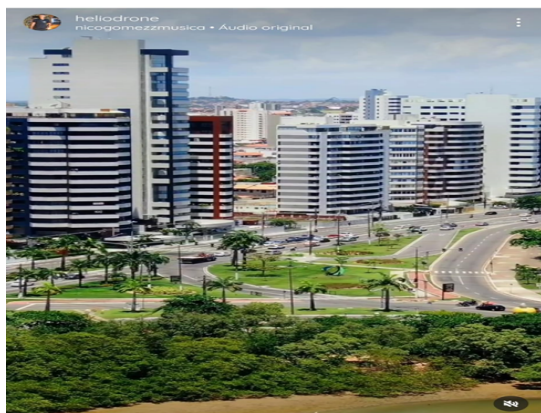
O enobrecimento urbano também pode ser verificado no bairro Treze de Julho, o segundo, proporcionalmente, com maior contraste racial. Originalmente decorrente de um processo de gentrificação iniciado em 1950, quando a aristocracia rural e a classe média identificaram sinais de “popularização” no Centro da cidade, seu antigo *habitat* natural. Segundo Rabelo (2009), esse bairro foi fruto da “revitalização” de uma antiga praia (Praia

Formosa), transformada com o passar do tempo em praticamente um esgoto a céu aberto, onde pescadores e marisqueira garantiam sua sobrevivência. Estratégias pesadas de marketing foram mobilizadas enfocando a nostalgia dos aracajuanos, possibilitando a consequente substituição dos trabalhadores que poluíam visualmente a paisagem por “uma elite sem receios de deslumbre, pelo excesso de demarcação simbólica de poder” (Rabelo, 2009: 12). A pesquisadora assinala ainda que,

As torres altas transmitem poder e distanciamento da rua...os cafês, as galerias, clínicas, etc., dão o toque de refinação do espaço urbano adjacente, o qual é comparado por jornais locais como o exemplar Bairro representativo do luxo: “Em Nova Iorque, o Soho; em São Paulo; o Jardins, no Rio; Ipanema, e, em Aracaju, a Treze (Rabelo, 2009: 21).

Semelhantemente ao Jardins, uma parcela aracajuana fragmentou-se, encastelou-se e passou a habitar fortificações modernas em espigões palacianos cercados, que coexistem com casarões mais antigos, igualmente valorizados. Um extenso calçadão margeia as mansões e é palco da “*instagrammatização da vida*”, com várias práticas desportivas sendo exercidas pelos moradores das cercanias que sutilmente demarcam as fronteiras entre os corpos desejáveis e os incômodos, ou ainda os condenados da terra (Fanon, 1968).

Figuras 6 e 7: bairro Treze de Julho/ Aracaju



Fonte: Instagram

Circulam aí, pessoas com *pets* de raças incomuns, idosos livres de barreiras arquitetônicas e acima de tudo, grupos de todas as idades que esbanjam vitalidade, exibindo suas formas físicas, assenhorados de si e demonstrando apreço incondicional à saúde, performados em cada fim de tarde e início de manhãs. O desejo de visibilidade é acionado

incessantemente e faz parte de um estilo de vida dos moradores dos *novos cercamentos*, definidos pelas construtoras e imobiliárias a partir de um *design* de *alto padrão*.

De acordo com Maia (2019), nesses enclaves geográficos são adotados comportamentos que demarcam *diferenças*, que extrapolam a identidade e se atrelam às estruturas econômicas de classe e consequentemente à segregação racial dos espaços. Seus moradores apresentam

[...] uma estética, uma etiqueta, uma forma de se comportar e de ser no mundo. E incorporam uma qualidade que está inscrita no espaço através de uma disciplina corporal [...]. Em tais espaços de branquitude e classe, apenas aqueles considerados como *iguais ou semelhantes* a partir desses “marcadores de distinção” é que são “merecedores” de pertencimento ao grupo. [...]. As demarcações das fronteiras materiais e simbólicas desses espaços *socialmente homogêneos* e segregados têm, portanto, consequências fundamentais na reprodução da desigualdade social, na medida em que posicionam, de forma diferenciada, indivíduos e grupos numa estrutura social extremamente hierárquica (Maia, 2019: 256, 268,269 – grifos meus).

O urbano, o cotidiano e o espaço emergiram na obra de Lefebvre (1967), na segunda metade do século XX, quando o padrão de acumulação capitalista industrial se exauriu e a produção de mercadorias clássicas deu lugar à mercantilização do espaço. O lugar do sujeito revolucionário foi reconfigurado, deixando de se restringir às fábricas para também contemplar os espaços urbanos. Com base nesta formulação, o direito à cidade foi reivindicado no ascenso das manifestações contraculturais que eclodiram no maio de 1968, na França, contestando o conservadorismo dos poderes instituídos, expressos em práticas de dominação, exploração e assujeitamento comportamental. No mesmo ano, nos USA, o movimento negro marchava rumo à conquista dos direitos civis e contra o *apartheid*.

No Brasil, esse momento coincidiu com o recrudescimento da ditadura empresarial-civil-militar instaurada desde 1964 e o cumprimento da promessa do “milagre econômico”, materializou-se exclusivamente para a população branca, já previamente inserida nos postos formais de trabalho, e, portanto, mais qualificada para as exigências do parque industrial ligado ao capital estrangeiro (Gonzalez, 2022), em fase de expansão no Brasil. Como legado dos anos de chumbo, diferentes tipos de policiamento surgiram e coexistem ainda hoje: para os brancos, proteção; para os negros, repressão, prisão e hospícios. Segundo Gonzalez (2022:21,22),

O lugar natural do grupo branco dominante são moradias amplas, espaçosas, situados nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes

tipos de policiamento: desde os antigos feitores, capitães do mato, capangas etc., até a polícia formalmente constituída. Desde a casa-grande e do sobrado, até os belos edifícios e residências atuais o critério tem sido sempre o mesmo.

Bento (2018) cunha o conceito de necrobiopolítica, através da qual o Estado gere ativamente políticas de cuidado e preservação da vida para grupos cujo referencial de humanidade é inviolável, e promoção da morte, para outras alteridades.

Figuras 8 e 9: ciclopatrulhadores da Guarda Municipal de Aracaju



Fonte: Prefeitura de Aracaju.

A presença da Guarda Municipal da Prefeitura Municipal de Aracaju (PMA) consta da matéria publicada em 2018 de onde as imagens acima foram extraídas. O conteúdo converge com as conclusões de Gonzalez e de Bento, onde o quesito *segurança* ganhou especial atenção da PMA, em dois dos pontos turísticos mais visitados da capital, o calçadão da Treze de Julho e a Praia Formosa. Para esses trechos, foram deslocadas equipes de ciclopatrulhamento, rondas motorizadas, policiamento preventivo, além de criados dois canais de denúncias, através do telefone 153 (ligação gratuita) e do aplicativo *WhatsApp*.

Essas práticas foram justificadas por serem logradouros que recebem diariamente centenas de pessoas que se dedicam à prática da atividade física e passeios. Nesses territórios, a cultura da intolerância consolidou-se

[...] por uma certa elite que nunca quis se curvar a essa *universalidade* [de direitos] e que até hoje gosta de dizer ‘sabe com quem está falando?’ em diversas situações para manter suas *diferenciações não universalistas*, suas diferenciações de classes sociais e raciais para assegurar seus privilégios” (Andrés, 2021: s/p – grifos meus).

As recorrentes *moradias fechadas*, aclimatadas para a segurança, conforto e bem-estar, *simbolizam os novos cercamentos* de proteção e apartação da branquitude, com um componente psicológico subjacente, capitalizado pelo mercado imobiliário: o medo das chamadas “classes perigosas” (Netto, 2012), o “medo branco da onda negra” (Azevedo, 1987), ou ainda “o fantasma da Nação” (Miskolci, 2012).

Heterotopias aracajuana: “lugares estranhos” dentro do território de branquitude

Não vivemos em um espaço neutro e branco; [...]. Vivemos, morremos e amamos em um espaço [...] com zonas claras e sombras, diferenças de níveis, degraus, cavidades, protuberâncias, regiões duras e outras quebradiças, penetráveis, porosas (Foucault, 2013b:19).

Os bairros Grageru e Salgado Filho, mesmo inserido no território de branquitude, apontam para espaços híbridos, caminhos de fronteiras, “*entre lugares*” na concepção vocalizada por Glória Anzaldúa, no romance trilingue *Borderlands*, por ela escrito. Anzaldúa foi uma chicana que morou na periferia do Texas, na fronteira com os Estados Unidos, recebendo as influências cultural e psicológica dos indígenas, dos mexicanos e estado-unidense, e sendo acusada de traidora por ambos. Contudo, não renunciava a nenhuma desses espectros por considerar que isso a diminuiria enquanto sujeita, tendo que abdicar de uma porção que lhe era constituinte. Passou a adotar uma “Nova Consciência Mestiça” que funcionava como um antídoto à colonialidade do poder hegemônico (Rodrigues; Barzotto, 2022).

Especificamente nesses dois bairros, as clivagens de classe e, mais especialmente a de raça entre brancos e pardos são sutilmente borradas e possibilitaram o surgimento, no meu entender de *heterotopias*, isto é

espécies de contra-alocações, espécies de utopias efetivamente realizadas, nas quais as alocações reais, *todas as outras alocações reais que podem ser encontradas no interior da cultura, são simultaneamente representadas, contestadas e invertidas; espécies de lugares que estão fora de todos os lugares*, embora sejam efetivamente localizáveis (Foucault, 2013a :116 -grifos meus).

Existem arranjos urbanos relativamente desordenados, desconcertantes, sem fixidez geométrica, tanto no Grageru quanto no Salgado Filho e cujos moradores também são assistidos pela UBS. Nessas *utopias localizadas*, são exatamente aquelas cujas as quais “as palavras e as coisas” me intrigam e não exatamente consolaram, como nas utopias (Foucault 2013b). Tornaram difíceis de nominá-las porque assumem formas extraordinariamente variadas (Foucault, 2013a): são dois Institutos de Longa Permanência privados para pessoas idosas (antigos asilos), uma Casa Lar destinada a crianças e adolescentes com vínculos familiares rompidos, o Projeto Acolher, voltado para pessoas em trajetória de rua (inclusive pessoas trans e migrantes que vivenciam deslocamentos forçados), e mais recentemente uma Unidades de Acolhimento Adulto (UAA), de caráter residencial transitório voltado aos usuários maiores de 18 anos, que fazem uso abusivo de álcool e/ou outras drogas.

São moradias, casas, residências, planos de escapes dos espaços hegemônicos que consoante Castro (2015: 12) trazem “implícitos os sentidos de *heterogeneidade e diferença*, sugerindo um estado de anomalia que é ao mesmo tempo espacial e morfológico (SOHN, 2008 – grifos meus)”.

Figuras 8 e 9: lugares heterotópicos



Fonte: site do Asilo Rio Branco

Algumas heterotopias, a exemplo das que estou expondo, reeditam as de crises típicas do medievo, e são representadas por instituições com normas e regras rígidas, que alojam os indivíduos com comportamento desviante, expressando de algum modo, traços

de continuidade e ruptura temporal. Por remeterem a certo enclausuramento dos *diferentes*, percebo uma relação com o conceito de heterocronia, diante da suspensão do próprio tempo e da tendência de normatização/ normalização dos corpos.

Figuras 10 e 11: lugares heterotópicos



Site F5 News (Casa Lar/ Foto Fernanda Araújo, 2018)



Prefeitura de Aracaju (Foto Danilo França, 2018)

Esses arranjos urbanos impõem relações de vizinhança que dissolvem “a sacralização do território de branquitude”, abrindo fendas permeáveis e que configuram espaços de simultaneidade e justaposição, do próximo e do distante, do lado a lado, mas também do disperso (Foucault, 2013a).

Casa Lar é um ambiente que *se assemelha a uma residência particular* e funciona na estrutura de uma família usual: a cuidadora é a mãe e os acolhidos se relacionam como irmãos. *Com regras pré-estabelecidas como horário de acordar e dormir*, cooperação nos afazeres domésticos, *disciplina escolar* e atividades de lazer, o espaço é, realmente, um local de referência para as crianças e adolescentes que tiveram o seu vínculo familiar interrompido por conta de situações de vulnerabilidade social. [...]. Os abrigos recebem as crianças e adolescentes por meio do Conselho Tutelar, já as Casas Lares após decisões judiciais. No caso das Casas Lares o tempo de estadia das crianças é muito maior, elas ficam na casa até serem adotadas ou completarem maioridade. [...] *O acesso de pessoas de fora também é bastante restrito*, justamente para não quebrar a visão de um ambiente residencial e privado (Prefeitura de Aracaju, 2018 – grifos meus).

A Casa Lar enfeixa o quinto princípio das heterotopias, pois possui um sistema de abertura e de fechamento, isola, mas não é completamente impenetrável. Nesse *contraespaço*, a permanência é condicionada a uma autorização prévia (determinação judicial) e há um regramento bastante rígido a ser cumprido (imposição de horários, rendimentos escolares, tarefas domésticas etc.).

Em alguma medida, nos outros bairros, também é possível encontrar feixes de relações de paradas transitórias e semiabertas (como pontos de ônibus, parques públicos gratuitos, cafeterias, cinema etc.). No entanto, não estou segura que a presença do corpo negado e transfigurado, do corpo incompreensível, do corpo absolutamente visível, corpo fantasma, corpo inferno, corpo sofrimento, corpo disperso (Foucault, 2013b: 8, 10, 11, 13, 15) seria tolerada de forma desinterditada e sem a vigília do olho branco colonizador. Quem reside nesses “*lugares outros*”, não pode transgredir o *script* previamente desenhado, mas pode promover fissuras nos poderes instituídos, suspendendo ou subvertendo o que lhes são designados, refletidos ou reflexionados (Foucault, 2013b).

São espaços que, a duras penas, resistem à lógica verticalizada e apartada do morar, amar e morrer, arejando os territórios enobrecidos e enrijecidos da urbe. Nesses conglomerados embranquecidos, viventes se aglutinam em “grutas de resistência” ou numa linguagem mais atual, se aquilombam, contrapondo-se à massa tumoral que fermentada, não os asfixiou. Nas heterotopias aracajuanas emergem sujeitos que subvertem uma dada homogeneidade e também se apropriaram deste espaço urbano (Neto, 2004).

Figuras 12 e 13: lugar heterotópico



Prefeitura de Aracaju (Foto Pedro Leite, 2010)

Um destes *lugares estranhos* é voltado para pessoas em trajetória de rua ou que enfrentam fluxos migratórios forçados, em geral advindos de outros estados/ Regiões. Ao deslocamento para as ruas, incide uma prática discursiva que tenta “convencer adultos, idosos e crianças que vivem nessa situação a sair das ruas e retornar a seus lares, além de

encaminhá-los aos programas sociais da Prefeitura de Aracaju” (Prefeitura de Aracaju, 2010: s/p).

Para garantir conforto, a PMA [Prefeitura Municipal de Aracaju] disponibiliza uma estrutura que *lembra* aos moradores como *é estar num lar de verdade*. A Central de Acolhimento tem capacidade para abrigar temporariamente até 20 pessoas, que dividem tarefas básicas, como arrumação dos quartos e cuidados com as plantas. Fazem parte da equipe quatro educadores sociais, assistentes sociais e psicólogos, que estão 24 horas à disposição da sociedade (Prefeitura de Aracaju, 2010: s/p- grifos meus).

Nessas experiências heterotópicas, enxergo correlação com o princípio de “ilusão e compensação” (Faucault, 2013a), não é por acaso que o propósito é “*lembrar aos moradores como é estar num lar de verdade*”, mas para isso tem que haver uma compensação que consiste em acatar as normas institucionais, como o compartilhamento de tarefas cotidianas. Essas estratégias geopolíticas desvelam a estreita conexão entre distribuição geográfica espacial dos corpos e as relações de poder dela derivada.

As Unidades de Acolhimento Adultos (UAA) é o último *habitat* inusual presente no território adstrito à UBS. De acordo com Almeida e Cunha (2021: 7 – grifos meus), essas residências datam de 2012, mas são pouco conhecidas.

A UAA, enquanto um serviço *residencial transitório*, configura uma modalidade de cuidado que se contrapõe à lógica de confinamento e proibicionismo das CTs [Comunidade Terapêuticas] que vem avançando amplamente. A UAA, tendo em vista sua particularidade, *garante direitos de moradia, convivência familiar e social*. Assegura, ainda, o cuidado singularizado e em *liberdade*, incorporando os princípios da Reforma Psiquiátrica.

Em Aracaju, essa *residência transitória* chegou em 2016, mas foi apenas no início deste ano que foi transferida para o nosso território. Em março, em uma reunião com parte da equipe dos dois serviços, registrei no meu bloco de notas, que foram mencionadas regras invioláveis, sob pena de desligamento compulsório do serviço quem as transgredissem. As normas versavam sobre proibição de uso de qualquer substância psicoativa dentro da residência e também proibição de atividade sexual, mesmo com parceiro fixo. Semelhantemente aos demais espaços-tempo que estou tematizando, não observei discriminação de sexo/gênero dissidentes, inclusive já atendi parte da própria comunidade LGBT+, oriunda de algum desses serviços, na UBS.

Com efeito, “a heterotopia tem o poder de justapor em um único lugar real vários espaços, várias alocações que são em si mesmas incompatíveis [...], lugares que são estranhos uns aos outros [...], alocações contraditórias (Foucault 2013a: 116). Nos exemplos ilustrados, há uma relativa permeabilidade, se avista concessões e também “contestações míticas e reais do espaço vivido (Foucault, 2013b), *pero no mucho*. Em todos os casos, as normas, os regramentos, o controle, o disciplinamento, a liberdade vigiada e os riscos avaliados eram tão presentes quanto os próprios *contraespaços*. Ainda assim, particularmente considero que sem essas linhas de fuga, essas vidas “desimportantes” para o capital, poderiam ser “arquivadas” e seu devir cancelado.

Algumas considerações

O estudo evidenciou uma inscrição geográfica em Aracaju atravessada por marcadores de classe e raça que perpassa o empreendimento colonial- capitalista e se reatualiza com “novos cercamentos”, com uma agenda que combina a garantia da segurança física e patrimonial da branquitude à mercantilização do território e da saúde. A experiência do morar retrata, ao seu tempo, o modelo da casa-grande, típica do Brasil colônia, descrita por Freyre, no início do século XX. Não surpreende que no território de branquitude, o nome da Unidade Básica de Saúde é “Dona Sinhazinha”.

Mas também foram detectados deslocamentos dessa ambiência dominante, onde o suposto vazio para o capital tem sido habitado por experiências de moradias assentadas em diferenças arquitetônicas e nos corpos de quem as habita, culminando em heterotopias. Desse modo, no território de branquitude, a floraram *lugares outros* que contrastam e subvertem as perfeições prometidas e aspiradas por um grupo seletivo. São *contraespaços* entrecortados, porosos, e ao mesmo tempo fluidos, nas suas dinâmicas internas e nas relações de vizinhança. Através deles, a despeito das inúmeras exigências para acessá-los e permanecer, os corpos desviantes asseguram sua existência e podem vislumbrar um devir.

Referências

ALMEIDA, Amanda Lima Macedo de; CUNHA, Marize Bastos da. Unidade de Acolhimento Adulto: um olhar sobre o serviço residencial transitório para usuários de álcool e outras drogas. *Saúde em Debate*, v. 45, p. 105-117, 2021.

ANACLETO, Rosely. Retratos de um sus colonizado: signos e símbolos da memória ancestral da branquitude em Aracaju. *Illuminuras*, Porto Alegre, v. 24, n. 65, p. 246–268, 2023. DOI: 10.22456/1984-1191.133304.

ANDRÉS, Roberto. O apartheid social da lógica do condomínio põe em risco a República. 05 mar 2021. Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2021/03/05/o-apartheid-social-da-logica-do-condominio-po-e-em-risco-a-republica-entrevista-especial-com-roberto-andres/>. Acesso em 30 de mar de 2024.

AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites-século XIX*. Annablume, 1987.

BENTO, Berenice. Necrobiopoder: Quem pode habitar o Estado-nação? *Cadernos Pagu*, p.e185305, 2018.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes para a organização da Atenção Básica, no âmbito do Sistema Único de Saúde, 2017.

CASTRO, Luiz Guilherme Rivera de. *Outros espaços e tempos, heterotopias*. 2015.

CARDOSO, Lourenço. *O branco ante a rebeldia do desejo: um estudo sobre a branquitude no Brasil*. 2014.

FANON, Frantz. *Peles negras, máscaras brancas*. Salvador: Editora Edufba, 2008.

FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Editora Civilização. Brasileira, 1968.

FILGUEIRAS, Andrea Rocha Santos *O Mercado Municipal de Aracaju e seus tempos: princípio, perda e reinvenção (1926-2000)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019.

FOUCAULT, Michel. De espaços outros. *Estudos avançados*, v. 27, p. 113-122, 2013a.

FOUCAULT, Michel. O corpo utópico; as heterotopias. Tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo: n-1 Edições, 2013b.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: Nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRANÇA, Sarah Lúcia Alves; ALMEIDA, Viviane Luise de Jesus; CRUZ, Catharina Nunes. *Produção da moradia pelo capital e reestruturação espacial da Região Metropolitana de Aracaju*. In: Aracaju [recurso eletrônico] / França, Sarah Lúcia (Org.). - 1. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital, 2022.

GOLIN, Tau. *Os cotistas desagradecidos*. 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/os-cotistas-desagradecidos/>. Acesso em 10 de mar de 2024.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. *Lugar de negro*. Editora – 1ª ed.- Rio de Janeiro: Zahar; 2022.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista ciências sociais hoje*, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984.

GROSFOGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *Periferia*, [S. l.], v. 1, n. 2, 2012. DOI: 10.12957/periferia.2009.3428. 024.

LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. *L'Homme et la société*, v. 6, n. 1, p. 29-35, 1967.

MACHADO, Anselmo Belém. O bairro jardins: processo de crescimento urbano, consolidação de estratos socioeconômicos e “ilhas” de segregação social. *Revista GeoNordeste*, n. 1, 2010.

MAIA, Suzana Moura. Espaços de branquitude: segregação racial entre as classes médias em Salvador, Bahia. *Século XXI*, Santa Maria, v. 9, n. 1, p. 253-282, 2019.

MARINHO, Alexandre; CARDOSO, Simone de Souza; DE ALMEIDA, Vivian Vicente. *Desigualdade de transplantes de órgãos no Brasil: análise do perfil dos receptores por sexo e raça ou cor*. Texto para Discussão, 2011.

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Livro I, volume II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

MISKOLCI, Richard. *O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX*. São Paulo, Annablume Editora, 2012.

MOURA, Clóvis. *Sociologia do negro brasileiro*. São Paulo: Perspectiva, 2019.

NETO, João Leite Ferreira. Processos de subjetivação e novos arranjos urbanos. *Rev. Dep. Psicol.*, UFF, v. 16, n. 1, p. 111-120, 2004.

NETTO, José Paulo. Crise do capital e consequências societárias. *Serviço Social & Sociedade*, p. 413-429, 2012.

PREFEITURA DE ARACAJU. 2018. Disponível em: Casas Lares: mais que um refúgio, uma nova oportunidade de vida - Prefeitura de Aracaju. Acesso em 01 de mai de 2024.

PREFEITURA DE ARACAJU. 2010. Disponível em: Projeto Acolher é importante instrumento de ressocialização - Prefeitura de Aracaju. Acesso em 01 de mai de 2024.

QUIANGALA, Anne Caroline; RAZIA, Daniela; COSTA, Alessandra; FERREIRA, Denise. *Branco não é uma cor (entrevista com Grada Kilomba)*. Distrito Federal: Preta, Nerd & Burning Hell, 2015.

RABELO, Josevânia Nunes. *Sociabilidade e enobrecimento: o bairro Treze de Julho em Aracaju*. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2010.

ROBINSON, Cedric James. *Marxismo negro: a criação da tradição radical negra*. Editora Perspectiva S/A, 2023.

RODRIGUES, Marcos Vinicius; BARZOTTO, Leoné Astride. Uma nova consciência mestiça a partir da literatura de gloria anzaldúa. *Rascunhos Culturais*, v. 13, n. 26, p. 104-126, 2022.

SANTOS, Josiane Soares; SILVA, Everton Melo da; SILVA, Mylena da; Racismo ambiental e desigualdades estruturais no contexto da crise do capital. *Temporalis*, v. 22, n. 43, p. 158-173, 2022. <https://doi.org/10.22422/temporalis.2022v22n43p158-173>.

SANTOS, Josiane Soares *et. al.* “Questão Social” no brasil: O Nordeste e a atualidade da questão regional. *Temporalis*, v. 12, n. 24, p. 239-261, 2012.

VELIQ, Fabiano; MAGALHÃES, Paula. A colonização é aqui e agora: elementos de presentificação do racismo. *Trans/Form/Ação*, v. 45, p. 111-128, 2022.